

ECLIPSE

DA

FERMOSURA

OBSERVADO NO ESPELHO DA

SAUDADE

Pelo cõmum sentimento na sempre lamentavel morte  
da Serenissima Senhora

D. MARIA SOFIA

ISABEL DE NEVBURG,

Rainha de Portugal:

*Glosa ao seguinte Soneto do mais canoro Cysne do nosso se-  
culo Antonio da Fonseca Soares;*

Offerecido ao Senhor

D. JOAM JOSEPH DA COSTA E SOVSA,

Conde de Soure, Alcayde Mór da Villa de Castromarim, Com-  
mendador da mesma Villa, & das Commendas de Bezelga,

& de S. Pedro da Vargea de Soure, Senhor da Villa  
da Azambugeira, do Conselho de S. Mag. &c.

POR

LVIS DE SIQUEIRA DAGAMA.

L I S B O A,

Na Officina de MIGUEL DESLANDES,  
Impressor de Sua Magestade. Anno 1699.

*Cõm todas as licenças necessarias.*

ECLIPSE

DA

FERMOSURA

RESERVADO NO ESTILHO DA

SAUDADE

De commo lamento e tempo lamento  
da saudade de Lisboa

D. MARIA SOFIA  
ISABEL DE NEUBURG

Rainha de Portugal

Esta no seguinte anno no qual se fez o casamento  
entre a Rainha de Portugal e o Rei de Espanha

Officinho de Lisboa

J. JOAM JOSEPH DA COSTA E SOUSA

Grande de Portugal, Mestre de Campo de Castella, e Com-  
mandador da Infantaria e Alcaide da Comarca de Beja,  
e de S. Pedro de Vizeu de S. Sebastiao de Vizeu  
da Azamor, senhor do Conselho de S. Mateus.

POR

LUIS DE SOUSA E D'ALMEIDA

Grande de Portugal, Mestre de Campo de Castella, e Com-  
mandador da Infantaria e Alcaide da Comarca de Beja,  
e de S. Pedro de Vizeu de S. Sebastiao de Vizeu  
da Azamor, senhor do Conselho de S. Mateus.

LISBOA

No Officio de MIGUEL GONCALVES

Impressor da Real Academia de Sciencias

Em 1799



## DEDICATORIA.



Quem cõ mais segurãça podia esta Glosa eleger  
**MECENAS**, do q̃ à scitifica pessoa de V. Se-  
 nhoria? A quem mais iusta, & devidamēte po-  
 dia a minha debil, & rude Musa invocar Pa-  
 trono, senaõ à invencivel magnificencia de tam grande  
 Principe? cujos immortaes elogios transcendem a capaci-  
 dade da Fama, & naõ cabem na suave lyra de Calliope: a  
 quem, outra vez repito, se podiaõ dedicar estes mal polidos  
 versos para sabirem à luz do vulgo, sem o receyo da saty-  
 rica crisis de algum Zoylo, senaõ ao patrocínio de tam illu-  
 stre erudiçãõ, como a que em V. S. venera o mundo, & naõ  
 comprehende Portugal? à sua sombra naõ só tenho **ME-**  
**CENAS**, que me izente à censura dos sabios, mas tãbem cõ-  
 figo escudo, que me defenda à enveja dos nescios, pois nam  
 pôde haver emulo, que se me anime com tam forte asilo,  
 nem sabio, que falte ao respeito de taõ sublime protecçãõ.

Bem reconheço, que esta obra tem causas muy justificas  
 para a censura; assim pelo tarde que occupa a Impren-  
 sa, como pelas durezas em que principiante discorda; & fi-  
 nalmente lhe pôde fazer objecçãõ o servir-lhe argumēto Au-  
 thor inda nam classico; se bem, que esta ultima calunnia, he  
 a que primeiro, & mais facilmente se dissolve, pois quan-  
 do a sua muita elegancia o nam inculcãra de conhecida n-  
 ta, sobra valhe ser este Soneto, hum dos mayores poemas de  
 Antonio da Fonseca Soares; para que o maito vulgar de  
 suas inimitaveis poesias o fizesse já Author de primeira

classe: E' assum tambem dissimulem os doctos as asperezas destes versos, que por serem o primeiro parto, que dá à luz a minha idea, bem lhes pòde facilitar a desculpa, ficando só objecto para a sua crisis o sair tam tarde esta Glosa; a cuja objecção só o confessejalla he defensiva, E' com esta podey rey dizer aquelle Epigrãma de Ioaõ Ouven lib. 1. Epigr. 2.

Qui legis ista, tuam reprehendo, si mea laudas

Omnia, stultitiam, si nihil, invidiam.

Admitta pois a benignidade de V. S. este meu humilde offerecimento, sem que o menospreze por rouco, que nam. he proprio do prauto o ser suave; E' sendo o assumpto deste Epicedio tam soberano, sirva-me para a dissimulaçam sómente o desejo, que In magnis voluisse sat est, da sollicita protecção, com que V. S. favorece a todos os que conseguimos a feliz honra de seus subditos; espero, que amparará com os auspicios do seu patrocínio a esta Glosa, izentandoa effectivo da mordaz censura do vulgo. Nosso Senhor guarde, E' prospere a pessoa de V. S. para mais timbre da Casa de Soure, E' gloria da nossa Patria. Lisboa 5. de Dezembro de 1699.

Menor criado de V. S.

Luis de Siqueira da Gama.





# SONETO.

**N**essa pira funesta, ó Peregrino,  
 Que Occaso he triste ao Sol mais soberano,  
 Defunto vive aquelle excessso humano,  
 Donde o mortal foy gloria do Divino:  
 Ambição foy celeste o seu destino,  
 Porque excedendo ao trono mais ufano,  
 Nesse fatal da vida desengano,  
 Honrou da injusta Parca o desatino:  
 Trasposta quando apenas admirada  
 Anoiteceo na Aurora de huma vida,  
 E se eclipsou de hum Sol na madrugada;  
 Mas sendo as luzes tantas, quem duvida,  
 Se era o viver de muito desejada,  
 Que o morrer foy de pouco merecida?

**N** Am passes, Peregrino, descuidado,  
 Suspende o curso, embarga o movimẽ-  
 E aquelle jasmim vè do Lisio prado (to,  
 Trasposto nesse escuro monumento;  
 Mas se intenta saber o teu cuidado  
 A que foy reduzido este portento,  
 Pára, & contempla, com respeito dino,  
*Nessa pira funesta, ó Peregrino.*

## II.

Contempla, & vè, que o Sol da Lusã gloria  
 Com ser hontem do mundo a idolatria,  
 Já hoje se eclipsou para a memoria  
 Reduzido no Occaso à terra fria:  
 Se hontem lias no trono a larga historia,  
 Que o isentava da Parca a tyrãnia,  
 Hoje na pedra estuda o desengano,  
*Que Occaso he triste ao Sol mais soberano.*



Não se isenta por linda a gentileza  
 Do tyrão poder da morte escura,  
 Antes porque he mayor huma belleza,  
 Intempestiva a cortá a desventura:  
 Foy MARIA se copia da lindeza,  
 O modelo melhor da fermosura,  
 E só porque excedeo no soberano:  
*Defunto vive aquelle excessso humano.*

## IV.

Aquella admiraçãõ pasmo da gente,  
 Que empenho illustre foy da azul zafira,  
 Aquella, em quem mostrou o Omnipotente,  
 Que impossivel nenhum se lhe retira:  
 Do que hontem foy està taõ diferente,  
 Hoje defunta nessa triste pira,  
 Que já não podes ver, ó Peregrino,  
*Donde o mortal foy gloria do Divino.*

## V.

Ignoras a razaõ, queres sabella,  
 Porque hoje tanta luz he sombra fria?  
 Repára, ó Peregrino, que essa estrella,  
 Enveja foy do Sol, causa do dia:  
 E faltandolhe ao Ceo esta luz bella,  
 Adverte, que o perdermos a MARIA,  
 Alem de ser da Parca defatino,  
*Ambiçaõ foy ceeste o seu destino.*

## VI.

E sennaõ, dize, Parca, que motivo  
 Tiveste para o golpe rigoroso,  
 Golpe, que o peito chora sensitivo  
 Nos eclipses mortaes de hum Sol fermoso?  
 Porque te exaltas? declinando o altivo,  
 Porque fazes tropheo do Magestofo?  
 Porque? pizando o sceptro soberano,  
*Porque? excedendo ao trono mais ufano.*



## VII.

Pertendes extinguir tanta beldade,  
 Levando a tua enveja à sepultura,  
 Sem notares, que nessa atrocidade  
 Mais sublimas aquella fermosura?  
 Pois se fora menor a Magestade,  
 Que em MARIA envejaſte, ó Parca dura,  
 Tam cedo a não chorára o noſſo dano  
*Nesse fatal da vida deſengano.*

## VIII.

Vejaõ pois as bellezas fabuloſas,  
 Que no mundo ſe eſtimaõ ſoberanas,  
 Se ſão ſuas ideas mentiroſas,  
 Quando eternas ſe fingem, ſendo humanas:  
 Vejaõ ſe podem ſer ſempre ditofas,  
 Pois MARIA com prendas tam urbanas,  
 Perdendo o Luſo trono peregrino,  
*Honrou da injuſta Parca o deſatino.*

Que aprenda agora, digo, a fermosura,  
 Nesse horroroso, & triste monumento,  
 Advertindo, que a flor, que he mais segura,  
 He ludibrio fatal das mãos do vento:  
 Sirva-lhe pois de exemplo a Rosa pura,  
 A quem murcha hoje chora o sentimento,  
 Quando apenas nascida, já eclipsada,  
*Trasposta, quando apenas admirada.*

Adverti, ó bellezas, nessa Rosa,  
 Da qual a louçanã foy tam breve,  
 Que nascendo na Aurora flor fermosa,  
 Na tarde acabou cinza, a que foy neve:  
 Essa, pois, fermosura magestosa,  
 Desengano, ó beldades, fer-vos deve,  
 Pois quando madrugava mais luzida,  
*Anoiteceo na Aurora de huma vida.*



## XIIIX

Tornada em cinza a flor, em sombra a vida,  
 A gala em pó, em luto a gentileza,  
 No silencio vos diz entristecida,  
 Que a Parca quebra os fóros da belleza:  
 Que muy cedo caduca a mortecida  
 A flor, mimo gentil da natureza,  
 Vos diz essa, que flor já foy prezada,  
*E se eclipsou de hum Sol na madrugada.*

## XII. IX

Quem pôde duvidar, que este accidente  
 Efeito foy daquella fermosura?  
 Quem pôde duvidar, que este repente  
 A MARIA o causou sua luz pura?  
 Quem duvida, que a Parca irreverente,  
 Por ser Sol, a traspoz na sepultura?  
 Se o naõ fosse, objecção era devída,  
*Mas sendo as luzes tantas, quem duvida?*

FINIS

Quem

Quem duvida, que fosse a gentileza e a nobreza  
 A causa de sentir tal tyrãnia?  
 Mas se a não motivou sua lindeza,  
 A nossa desventura a causaria:  
 E se a não merecemos por Princeza,  
 Mysterio occulto foy, que a graõ MARIA,  
 Acabasse aos affectos usurpada,  
*Se era o viver de muito desejada.*

## XIV

No que esculpido está nesse penedo  
 Lea qualquer terrena Magestade,  
 Que a belleza mayor morre mais cedo,  
 Que acaba exalação toda a beldade:  
 Tu tambem, Peregrino, em tanto enredo  
 Não culpes só da morte atrocidade,  
 Se cortando esta flor, lhe rouba a vida,  
*Que o morrer foy de pouco merecida.*

FINIS.